

ONDE ESTÁ LICHITA?



Carmen Elizabeth Oviedo Villalba – “Lichita”, 14 anos, desaparecida forçada em outubro de 2020 após operação militar da Força Tarefa Conjunta (FTC) do velho Estado Paraguai

Eram Crianças!



Lilian Mariana e Maria Carmem Villalba, ambas com 11 anos, foram capturadas, torturadas e assassinadas pelo Exército paraguaio a mando do governo de Mário Abdo.

MFP – Movimento Feminino Popular



Viva o 8 de março: Dia Internacional da Mulher Proletária!



*“Palestina é uma mãe que pariu
uma memória indestrutível”.*

Neste 8 de março saudamos a nossa classe, o proletariado internacional, glorificamos a memória de inquebrantáveis heroínas da revolução proletária mundial: Camarada Norah (Peru), Camarade Sandra Lima (Brasil), Camarada Chiang Ching (China), Camarada Anuradha Gandhi (Índia), Camarada Wilma Austria (Filipinas), Camaradas Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin (Alemanha), Camaradas Krupskaya e Inês Armand (União Soviética) e as heroínas na luta contra o nazi-fascismo representadas nas internacionalistas alemãs camaradas Olga Benário e Elise Sabo. Saudamos a memória das guerrilheiras do Araguaia representadas na camarada Helenira e de todas as mulheres da resistência armada ao regime militar fascista, representadas na camarada Iara Iavelberg; saudamos as heroínas da secular luta de libertação do povo brasileiro representadas nas grandes mulheres Dandara dos Palmares, Bárbara de Alencar, Maria Quitéria, Anita Garibaldi, e tantas outras heroínas do povo brasileiro. Saudamos as presas políticas e prisioneiras de guerra no Peru, Índia, Filipinas, Turquia, Paraguai, Colômbia, Palestina, Líbano, Marrocos e de todos os países em que revolucionárias e revolucionários são perseguidos! Saudamos efusivamente as heroínas da luta de libertação nacional palestinas e iranianas, que enfrentam de armas nas mãos a agressão imperialista a seus países, lado a lado com os homens de sua classe e da causa de libertação! Saudamos as crianças palestinas e iranianas, que com seu martírio incendeiam os corações dos povos oprimidos de todo o mundo! Saudamos a todas as mulheres trabalhadoras, operárias, camponesas, professoras, donas de casa, comerciárias, ambulantes, prestadoras de serviço, profissionais liberais, a todas as mulheres das classes exploradas e oprimidas de nosso país. E afirmamos: Esse não é o dia de todas as mulheres! As mulheres, assim como os homens, estão divididas em classes sociais antagônicas, e não podem combater juntas a mesma batalha! Não confraternizamos em nosso dia com as latifundiárias, executivas de grandes empresas e de grandes negócios, as mulheres que ocupam os altos escalões do velho Estado e suas instituições, as parlamentares de direita, patroas carcasas, as policiais reacionárias, com aquelas que nos exploram e nos oprimem. O 8 de março é o Dia Internacional da Mulher Proletária, das mulheres trabalhadoras, pertence aos povos e ao proletariado revolucionário!

Basta já de violência contra as mulheres!

Despertar a fúria revolucionária da mulher como poderosa força para a Revolução!

Neste 8 de março de 2026, data histórica e memorável para as revolucionárias e os revolucionários de todo o mundo, rechaçamos e repudiamos com ódio e consciência de classe todas as formas de opressão, discriminação, preconceitos, abusos e violência de todo tipo cometidas contra as mulheres em geral, particularmente contra as mulheres das classes exploradas e oprimidas. Vivemos em uma sociedade dum País de bases arcaicas, semifeudal, de um capitalismo burocrático atrasado e em decomposição, subjugado à condição semicolonial pela dominação imperialista,

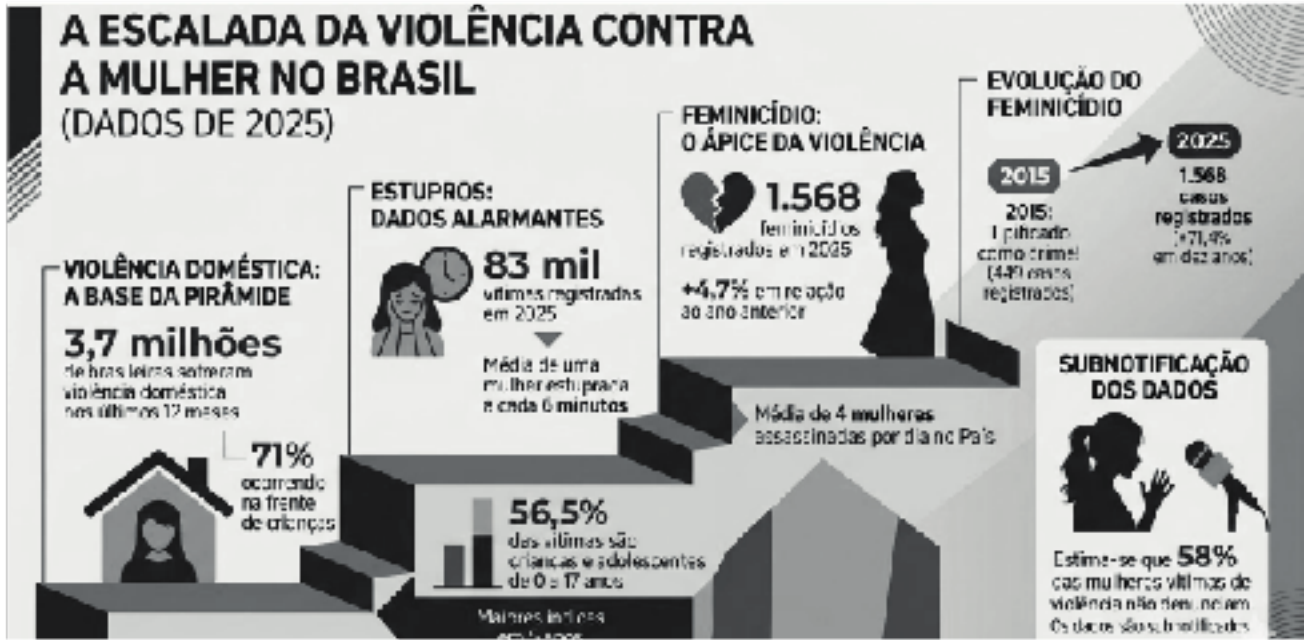
principalmente pelo imperialismo ianque (Estados Unidos). Sociedade brasileira esta, na qual prevalece e se reproduz uma cultura perversa, apodrecida, feita de preconceitos medonhos, do repulsivo racismo contra o povo preto e indígenas, da odiosa misoginia, do machismo mais tacanho e da permissividade covarde da violência sobre as mulheres e todo tipo de julgamentos discriminatórios contra os pobres e minorias de forma geral.

Karl Marx afirmou que a situação das mulheres numa dada so-

cidade é o termômetro mais realista do grau de progresso ou de atraso dessa sociedade. Então vamos aos fatos para vermos em que tipo de sociedade vivemos, e queremos afirmar desde já, para vermos a necessidade de sua substituição completa por nova sociedade de emancipação das massas populares e da nação, mais igualitária e fraterna com a construção de uma nova e verdadeira democracia.

Cresce o número de feminicídios no Brasil como decorrência da decomposição do imperialismo

Dados recentes de 2025 revelam que 3,7 milhões de brasileiras sofreram violência doméstica nos últimos 12 meses, com 71% ocorrendo na frente de crianças. Uma média de 4 mulheres são assassinadas por dia no País. 1.568 feminicídios foram registrados nas delegacias do Brasil em 2025, um aumento de 4,7% em relação ao ano anterior. Para termos uma ideia, o feminicídio foi tipificado como crime no Brasil apenas em 2015 (pasmem!) e, naquele ano, foram registrados 449 casos, o que revela um aumento de 71,4% em dez anos. Isso porque estima-se que 58% das mulheres vítimas de violência não denunciam, ou seja, os dados são subnotificados. Sobre os estupros, o Brasil tem os maiores índices em 5 anos, sendo que 56,5% das vítimas são crianças e adolescentes de 0 a 17 anos. Só em 2025 o País registrou 83 mil vítimas, o que dá uma média de uma mulher estuprada a cada 6 minutos



Alguns fatos chocantes vieram à tona novamente mais recentemente. Destes, destaca-se a absolvição de um homem de 35 anos estuprador de uma menina de 12 anos em Indianápolis (MG), que dizia manter uma união conjugal com a mesma, e que foi absolvido pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) do crime de estupro de vulnerável. A decisão inicial fundamentou-se na existência de um “vínculo afetivo consensual”, mas foi revertida após forte indignação popular e intervenção do Ministério Público.

Quando fatos e dados chocantes como esses vem à tona e tornam-se debate na opinião pública são explorados exaustivamente pelos monopólios de comunicação, porém, estes os condenam como se fossem um desvio de conduta individual, e não como parte da ética e moral hipócrita das classes dominantes. Ao denunciar os inúmeros casos de feminicídio e violência contra a mulher da forma como fazem, exploram o sofrimento das pessoas de forma sensacionalista, para aumentar a audiência e obter mais e mais lucro. Naturalizam o problema e tentam esconder que a base de todo esse repugnante cenário é a manutenção dessa sociedade decadente e apodrecida.



Expressamos nosso ódio de classe contra essa sociedade que degrada homens e mulheres em sua condição humana, onde prevalece o suprasumo do individualismo, da perversão e do hedonismo como ideal de vida. Defendemos lutar pela Revolução, como único caminho que pode conduzir à emancipação feminina cuja premissa é a libertação de toda a nossa classe da opressão e exploração. Afirmamos: **A libertação da mulher só é possível com a libertação de todo o povo!**

A violência sexual tem como base a propriedade privada e a sociedade de classes

A violência sexual e o feminicídio, como parte da repugnante opressão feminina, tem sua base no surgimento da propriedade privada e na sociedade de classes, com o estabelecimento da família monogâmica patriarcal. A família patriarcal como negação do matriarcado foi, antes de tudo, “a grande derrota histórica das mulheres”, como afirmou Friedrich Engels, e a sua conservação milenar ao longo do escravismo, feudalismo e capitalismo só aprofundou os prejuízos da mulher. Dela advém a concepção reacionária de “natureza feminina deficitária”, como se a mulher fosse naturalmente inferior ao homem, completamente a-histórica e anticientífica, pois que não há nenhuma base biológica, real e concreta que possa comprová-la ou justificá-la. Deriva-se dessa concepção burguesa a ideia de que é da “natureza” do homem subjugar sexualmente a mulher, como se fosse da sua natureza a violência, como se fosse um “opressor” do sexo feminino por natureza. Ao contrário do pensamento burguês e reacionário, o marxismo afirma que o homem, assim como a mulher, é um conjunto de relações sociais historicamente estabelecidas e em transformação em função das modificações da sociedade em seu processo de desenvolvimento; a mulher e o homem são produtos sociais e sua transformação exige a mudança da sociedade. Os homens e as mulheres são expressão de seu tempo, seu pensamento e conduta expressam a base material e econômica da sociedade, e na sociedade de exploração da humanidade pela humanidade, expressam necessariamente a luta de classes.

O machismo é uma cultura dominante e arraigada na sociedade porque é a ideologia das classes dominantes exploradoras e opressoras

Todos os preconceitos e discriminações relativos aos seres humanos, incluindo o abjeto menosprezo às mulheres, são expressão das contradições de classes e da luta entre elas. Numa sociedade em que a ideologia dominante é machista, homens e mulheres manifestarão machismo. As mulheres são educadas, nessa sociedade capitalista, para serem submissas e os homens educados como se fossem seres superiores, como seres que teriam por direito inato a posse da mulher como sua propriedade e mercadoria. Essa ideologia das classes dominantes se reproduz na sociedade através da educação, das relações familiares, da cultura e da tradição produzindo comportamentos que parecem verdadeiras aberrações, mas que nada são além da manifestação do grau da crise de decomposição que atingiu o sistema imperialista em sua fase última.

Aprofunda-se a crise do velho Estado burocrático-latifundiário

Como parte e reflexo da crise de decomposição do imperialismo, a crise de decomposição do capitalismo burocrático no Brasil também se agudiza nos campos político, econômico, militar e social. A coalizão reacionária da falsa esquerda com a direita liberal e encabeçada pelo oportunista mor Luiz Inácio na gestão do velho Estado brasileiro, mesmo aplicando suas medidas eleitoreiras, tem fracassado dia após dia nos seus intentos de dar sobrevida ao decrépito capitalismo burocrático, à democracia burguesa e ao seu mandato, colhendo quedas crescentes de popularidade, principalmente entre os mais pobres, onde apenas 6% aprovam a sua gestão (Atlas/Intel out/2025). Contudo, não é apenas o governo federal quem colhe desaprovção e desconfiança. Segundo pesquisa da mesma empresa, de começo de 2025, 82% dos entrevistados não confiam no Congresso, 50% no governo e 47% no pretensão “guardião da democracia”, o STF. A descrença atinge também as Forças Armadas reacionárias, na qual 76% dos entrevistados não confiam na instituição.

Por mais que os arautos do oportunismo chorem e inventem mil justificativas para sua crise e desaprovção – quase sempre culpando as massas – a verdade é insistente: o governo colhe o que planta. Ao agitar bandeiras populares enquanto aplica sua política escancaradamente direitista e de promessas eleitoreiras jamais cumpridas, a qual é acompanhada da convivência e participação na exploração, repressão e massacre do povo pobre do campo e da cidade, vide seu silêncio cúmplice, palavras brandas ou mesmo completa inação em relação a movimentos paramilitares de extrema direita, como o desprezível ‘Invasão Zero’, quando não apoio declarado aos governos e polícias assassinas de São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro, onde o governador fascistoide Cláudio Castro promoveu a odiosa “Operação Contenção”, que chacinou 117 pessoas pretas e pobres, o oportunismo assenta bases para o retorno da extrema direita ao governo federal.



Abaixo a falsa polarização eleitoreira! Construir um vigoroso e combativo boicote eleitoral!

Surfando na crise do gerenciamento oportunista e brigando para se provarem os mais reacionários e melhores serviçais da grande burguesia, do latifúndio e do imperialismo, figuras desprezíveis da direita e da extrema direita se apresentam para concorrer às eleições e abocanhar o eleitorado do hoje inegável Bolsonaro. É o caso do celerado Flávio Bolsonaro, Zema, Caiado, Tarcísio de Freitas, Ratinho Jr. e outros aspirantes a chefe da extrema direita, que disputam entre si a massa frustrada com o oportunismo, suscetível ao discurso reacionário, e o rebanho de eleitores bolsonaristas, que buscam um novo chefe após a desmoralização e prisão de seu líder. Tal disputa no seio da direita e da extrema direita, incapazes de se aglutinar num único candidato, expressa o nível da crise no seio das classes dominantes reacionárias e o nível da desilusão e desprezo das massas com a política oficial, cuja maioria dos eleitores que ainda votam, escolhem um porque não querem que o outro vença, e não porque o

escolhido tenha méritos.

Nesse cenário de profunda crise e de galopante descontentamento popular, urge todos os verdadeiros democratas, progressistas e revolucionários realizarem uma vigorosa campanha de boicote eleitoral em 2026, apontando para as amplas massas o único e verdadeiro caminho para a conquista de seus direitos historicamente pisoteados, para o varrimento da ameaça fascista e supressão dessa velha ordem de exploração e opressão: a Revolução de Nova Democracia, que hoje pulsa nos rincões de nosso país enquanto Revolução Agrária, vanguardada pela gloriosa Liga dos Camponeses Pobres (LCP).



Saudamos e erguemos alto o nome do valoroso companheiro Adeildo Gonçalves Calheiro, nosso querido Flecha, histórico dirigente da LCP, assassinado no dia 23 de janeiro pelo carniceiro Bope das PMs de Rondônia e Mato Grosso. Longe de afogar a revolução em sangue, o assassinato do companheiro enche de decisão a todas nós e a todos companheiros de luta para seguirmos firme na sua invencível causa de destruição do latifúndio, de libertação do nosso povo e nação e de edificação de um Brasil novo, verdadeiramente popular e democrático, onde toda a miséria e opressão que nos acomete serão apenas páginas nos livros de História.

Neste 8 de março, o Movimento Feminino Popular exorta as mulheres de nosso povo, as proletárias e camponesas, estudantes e professoras, autônomas e donas de casa, a se lançarem na luta mais combativa e consequente por seus direitos e por uma nova sociedade, sem amarras com o velho Estado, seu burocratismo e corporativismo, e nem ilusões com aqueles que pregam a conciliação, a paz de cemitério. Como metade da classe e de nosso povo, nós mulheres devemos atuar lado a lado aos homens de nossa classe, nos emancipando da opressão secular que carregamos e lançando bases para a libertação de toda nossa classe. Que nesta gloriosa data do Proletariado Internacional, imbuídas dos gloriosos exemplos que nossa classe e as massas populares do mundo nos dão de bravura e coragem, repercutamos em nossas fileiras o otimismo e as perspectivas brilhantes que só podem ter aquelas e aqueles que lutam por uma nova sociedade, por uma Nova Democracia, pelo Socialismo no rumo do luminoso Comunismo, nossa meta final.

Viva o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher Proletária!

Viva a Liga dos Camponeses Pobres!

Viva a Revolução agrária!

Viva a Revolução de Nova Democracia ininterrupta ao socialismo, no rumo do comunismo!

Viva o internacionalismo proletário!

O imperialismo é um tigre de papel!

Viva a gloriosa resistência nacional palestina e a heroica resistência iraniana!

Viva a Guerra Popular Mundial!

meninas, prática tão ao gosto do regime sionista. Na sua arrogância e delírio burgueses, acreditavam com isso colher o desencabeçamento da República Islâmica, desagregação social do País e capitulação do governo. Mais uma vez, erraram grotescamente! O que conseguiram mesmo foi coesionar e inflamar não apenas a nação persa, mas dezenas de organizações anti-imperialistas e 90 milhões de muçulmanos de toda a região, que encontraram no martírio do imã Khamenei uma causa para se vingar e sepultar de vez o imperialismo ianque e o sionismo no Oriente Médio.

A contundente resposta iraniana é um verdadeiro grito de desafio ao imperador. Fechando o Estreito de Ormuz – por onde passa mais de 20% do petróleo e gás natural mundial – e bombardeando instalações militares e políticas do imperialismo e do sionismo em toda a região, a Nação persa lançou a responsabilidade e o custo pela guerra no colo do imperialismo ianque e seus cúmplices e levantou a luta anti-imperialista de todos os povos oprimidos, especialmente daqueles situados na região.



Manifestante protesta contra os ataques criminosos do Grande Sata imperialismo ianque.

Unir-se sob o maoísmo para impulsionar e dirigir a Nova Grande Onda da Revolução Proletária Mundial!

É preciso ver com clareza: os levantamentos populares em todo o mundo, o glorioso Dilúvio de Al-Aqsa e sua resistência, a solidariedade internacionalista das massas e a combatividade dos povos e Nações que resistem à agressão imperialista são provas vivas do momento revolucionário pelo qual transita o mundo, onde povos e nações historicamente oprimidos ousam desafiar o imperialismo e todos os seus algozes, expressando concretamente que a tendência principal da presente época é a revolução, cuja base é o poderoso e revigorado movimento de libertação nacional que se levanta em todo o planeta, e que para triunfar cabalmente exige direção unificada, a qual só pode ser dada por organizações de orientação proletária e por partidos comunistas constituídos e reconstituídos sob a luz da ideologia internacional do proletariado, o marxismo-leninismo-maoísmo.

Neste sentido, o Movimento Feminino Popular saúda efusivamente e se soma à luta pela fundação da Liga Anti-Imperialista Internacional (LAI), organização que serve a mobilizar, politizar e organizar as massas exploradas e oprimidas numa frente anti-imperialistas com as nações oprimidas, organizando, estimulando, convocando e apoiando as lutas de libertação nacional, guerras de libertação e a solidariedade às guerras populares em curso, cujo grandioso e histórico Congresso de Fundação se dará no Equador, nos dias 03, 04 e 05 de abril, dando novo impulso à organização internacional das lutas anti-imperialistas

Fazemos também nossa saudação marxista-leninista-maoista,

principalmente maoista, aportes de validez universal do Presidente Gonzalo, erguendo alto as bandeiras vermelhas do proletariado em homenagem às invencíveis guerras populares em curso no Peru, Índia, Turquia e Filipinas, e seus heroicos partidos comunistas que as dirigem: Partido Comunista do Peru (PCP), Partido Comunista da Índia (Maoista), Partido Comunista da Turquia/Marxista-Leninista (TKP/ML) e Partido Comunista das Filipinas (PCF), e às heroicas e imortais massas, combatentes e militantes que lutam sob sua direção. Lembramos com orgulho os dirigentes comunistas tombados em combate no último ano, a camarada Ka Maria Malaya (dirigente do Birô Político do Comitê Central do PCF) e o camarada Nambala Keshava Rao - eterno camarada Basavaraju, Secretário-Geral do PCI(Maoista)), que regaram a revolução com seu generoso sangue e selaram o compromisso dos respectivos partidos comunistas de seguir combatendo implacavelmente o oportunismo, o revisionismo e toda a reação até a vitória final.

O camarada Basavaraju por mais de 40 anos prestou imensuráveis serviços à Revolução de Nova Democracia na Índia, entregou sua vida enfrentando a quinta operação de cerco e aniquilamento da reação indiana, a odiosa operação Kagaar, que num ataque convergente com as forças do imperialismo, do oportunismo e do revisionismo, da capitulação e da traição, tentam acabar com a Guerra Popular. Sonham as hienas da reação que poderão acabar com a revolução! O Trovão da Primavera de Naxalbari segue vivo e o combate aos capituladores e traidores faz pulsar a linha vermelha em seu seio! Como os grandes titãs do proletariado ensinaram, o Partido se fortalece se depurando e não há derrota definitiva para o proletariado. A história dará aos Balraj, Sonu e Satish o mesmo destino e lugar obscuro dos Trotsky, Kruschov, Liu Chao-shi, Prachanda e companhia. Ao longo de décadas, o PCI(Maoista) e a revolução indiana enfrentaram vezes e se reergueram; centenas de quadros foram assassinados e sempre os melhores filhos e filhas do povo indiano firmemente assumiram seus lugares. Não será agora, quando um novo período de revoluções da história se abre, quando o MCI avança na sua reorganização com o maoísmo como mando e guia, que a reação alcançará seus vis intentos.

Desde o Brasil, nos somamos às campanhas internacionais encabeçadas pela Liga Anti-Imperialista Internacional e pelo Fórum Contra a Corporativização e Militarização (FACAM) em apoio ao PCI(Maoista), à invencível Guerra Popular que dirige e em condenação à odiosa Operação Kagaar, encabeçada pelo velho Estado indiano fascista brahmânico hindutiva de Modi, e reafirmamos nosso compromisso de classe de combater implacavelmente o oportunismo e o revisionismo de forma inseparável a toda a reação, impulsionando a revolução de Nova Democracia em nosso país a serviço da revolução proletária mundial!

Liga anti-imperialista realiza manifestação rechaçando a agressão ianque. RJ 2025



O capitalismo de forma geral, em sua fase superior, de capital monopolista, parasitário e em decomposição e agonizante, o imperialismo das nações mais ricas e capitalismo burocrático que ele engendrou na imensa maioria dos países do mundo, países por ele dominados e oprimidos, potenciou a família patriarcal como célula econômica, é parte da sua essência e necessidade de sua manutenção a opressão da mulher, marginalizando e reduzindo sua prática social à escravidão da vida doméstica. Hoje, mais do que nunca, todo esse ambiente putrefato em que existe uma indústria da degeneração cultural, vai justificando e arrasando massas como se fosse tudo natural, é expressão do apodrecimento do sistema imperialista. Basta ver que na medida em que se aprofunda a crise do sistema imperialista, vai potenciando todas as formas de violência reacionária do velho Estado contra os pobres e de forma especialmente e generalizada na sociedade a violência contra a mulher, como fica demonstrado nos dados oficiais.

Um novo homem e uma nova mulher só são possíveis em uma Nova Sociedade

O pensamento revolucionário do proletariado internacional resiste a todas essas concepções e na sua prática impulsiona novas relações entre homens e mulheres. As experiências revolucionárias na URSS até 1956, e na China Popular até 1976, antes das restaurações capitalistas, já comprovaram que a construção do Novo Homem e da Nova Mulher é possível a partir de uma Nova Sociedade assentada sobre novas bases. Com base nas experiências vitoriosas do proletariado internacional (que avançou de maneira extraordinária na situação da mulher) e na luta do povo brasileiro por uma verdadeira e nova democracia, reafirmamos que a luta pela emancipação das mulheres só pode ser consequente junto a luta pela libertação de nossa classe. Alçamos nossas bandeiras convictas de que o Brasil precisa de uma grande Revolução, que já está em curso através da Revolução Agrária pela destruição do latifúndio e conquista da terra para quem nela vive e trabalha e trava duros combates nas vastas zonas rurais por todo o País, primeira fase da Revolução de Nova Democracia ininterrupta ao Socialismo e as mulheres do povo crescentemente organizadas possuem papel fundamental, como poderosa força para a Revolução.

O feminismo burguês e pequeno-burguês atuam como força auxiliar da reação

O movimento feminista burguês e pequeno-burguês de várias correntes oportunistas e domesticadas, através do sofisticado discurso “pós-moderno”, fazem coro com os monopólios de comunicação. Apresentam mil explicações sobre o fenômeno da violência contra a mulher, e contra o que denominam “discurso de ódio”, como se isso fosse a causa e não uma das decorrências da opressão feminina. O feminismo pequeno-burguês, pretensamente radical, advoga a “luta contra os homens”. Pretendem com isso ocultar e mesmo negar o caráter de classe da opressão feminina. Substituem a luta pela Revolução por uma suposta luta por “igualdade” e “contra o patriarcado”, como se a causa da desigualdade e existência do patriarcado fosse mera questão jurídica, numa falsa bandeira de “libertação da mulher”. Canalizam suas forças para a luta nos marcos legais, tentando desviar as massas de mulheres para o caminho parlamentar, para a promoção de umas quantas para se arvorarem como representantes do “sexo feminino”, semeando ilusões de que a mulher possa obter qualquer conquista real, e ascensão ao status de membro de uma casta privilegiada, ou por carguinhos rendosos nas hostes de um Estado corrupto até a medula, que é o ferrolho contra os direitos do povo e guardião desse sistema em decomposição.

Combater as ilusões reformistas! Eleição é farsa

É necessário combater as ilusões reformistas de que a secular violência contra a mulher possa ser resolvida cabalmente por via legal ou através da “pauta de costumes” e espaços no parlamento burguês, através da farsa das eleições podres e corruptas. Enquanto as massas de mulheres não tiverem todas as suas necessidades materiais resolvidas, levantar uma suposta “pauta de costumes” só alimenta o caldo de cultura reacionário da extrema direita e do fascismo, e lança por terra a luta pelos direitos democráticos das mulheres do povo. Ao lutarmos pela condenação e punição dos crimes cometidos contra as mulheres e levantarmos nossa bandeira de combate à violência contra a mulher e o feminicídio, o fazemos como parte da luta por seus direitos, pela elevação da consciência da gravidade desse problema e parte da luta pela destruição dessa velha ordem de opressão.

O inimigo principal da mulher não é o homem, e sim a sociedade de classes baseada na exploração

Combateamos também o corporativismo das organizações feministas que tentam retirar o caráter de classe da nossa luta apontando o homem como o inimigo, promovendo a divisão da classe, infundindo confusão sobre quem é o verdadeiro inimigo das mulheres do povo em nosso país, o capitalismo burocrático e o velho Estado burguês-latifundiário, serviçal do imperialismo, principalmente ianque (EUA). Devemos lutar lado a lado com os homens de nossa classe pela Revolução Democrática, agrária e anti-imperialista, ao mesmo tempo em que combatemos o machismo e o patriarcado na prática, nos educamos mutuamente praticando desde já uma nova cultura da nova sociedade que vamos construindo, o Socialismo, rumo ao luminoso Comunismo.

É necessário distinguir as contradições de classe, as que se dão entre as massas exploradas e oprimidas e as classes dominantes reacionárias das que se dão no seio do povo. Precisamos entender como a luta de classes se dá também como luta ideológica no seio das massas. Essa ideologia machista e misógina influencia e interfere no pensamento e prática de homens e mulheres do povo. É necessário reconhecer que os homens do povo podem e devem corrigir seu pensamento e comportamento, que não são a incorporação de tudo de mal, como quer impor parte da propaganda reacionária. Isso é possível com uma ampla campanha educativa promovida pelo movimento de mulheres junto às demais organizações populares e revolucionárias, unindo mulheres e homens do povo, para suprimir tal prática no seio do povo, com a elevação da consciência dos oprimidos dos males que imputa essa velha sociedade, que destrói a vida das mulheres e também dos homens que cometem esses crimes. As massas saberão aplicar aos agressores a punição correspondente ao prejuízo que causou.

Rebelar-se é justo!

Portanto, defendemos o direito legítimo à autodefesa das mulheres, em especial devemos nos organizar e elevar nossa consciência política coletiva pois que individualmente não é possível enfrentar esse grave problema da violência.

As classes dominantes tentam manipular o sentimento das massas para aplicar sua política contrainsurgente, de controle da população, para aumentar suas medidas repressivas, aumento das penas e medidas fascistas (contra pobres e pretos) que não resolvem o problema e pelo contrário, só tornam as mulheres ainda mais vulneráveis à sanha da vingança dos agressores. Por exemplo, no caso do estupro coletivo de uma jovem de 17 anos por jovens de 17, 18 e 19 anos, ocorrido recentemente no Rio de Janeiro, ganhando enorme repercussão nos monopólios da comunicação, querem usar de forma oportunista e descarada a comoção gerada

para justificar a redução da maior idade penal. A solução que o velho Estado apresenta para todos os problemas que enfrente o nosso povo é sempre repressão e mais repressão!

Somente a Nova Democracia e o Socialismo podem assegurar a emancipação da mulher

É preciso ver que o único caminho para a mulher conseguir enfrentar tudo que devém da 4a montanha que pesa sobre seus ombros, além das outras três, é a sua organização e luta junto às classes revolucionárias sob direção do proletariado no caminho da Nova Sociedade, única possibilidade da mulher se integrar cabalmente a toda a prática social. Esse é o caminho de uma verdadeira e Nova Democracia e sua passagem ininterrupta ao Socialismo. A Nova Democracia só pode vir de um processo revolucionário que começa por destruir, passo a passo, o poder do latifúndio, entregando a terra a quem nela trabalha, num processo de Revolução Agrária junto as massas trabalhadoras da cidade com base na aliança operário-camponesa. É necessário derrubar as três montanhas de opressão que o povo e a nação brasileiros

carregam nas costas, a semifeudalidade, o capitalismo burocrático e o imperialismo. Ao destruir essas três montanhas de exploração e opressão, também destruímos a quarta montanha que pesa exclusivamente sobre os ombros das mulheres do povo: a opressão feminina. O Novo Poder, como Nova Democracia, surgido das novas bases econômicas e sociais criadas pela luta revolucionária das grandes massas populares, consolidará todas essas conquistas, em todo o País, assim como transformará o trabalho doméstico em indústria social, passando as massas de mulheres do nosso povo à situação de igualdade jurídica com os homens, condição que é a base sobre a qual a contínua luta de classes no socialismo de elevação da prática social das mulheres se aprofundará e conduzirá à igualdade de fato de homens e mulheres em todas as esferas da vida social.

Pra mulher se libertar de toda a opressão, só com a classe proletária e a Revolução!

Despertar a fúria milenar da mulher!

Origem e significado do 8 de março

O dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher Proletária tem uma importância especial na luta revolucionária de todos os povos. O tributo à luta das mulheres das classes exploradas e oprimidas de todos os países foi proposto por Clara Zetkin – dirigente do Partido Social Democrata (Comunista) da Alemanha – na II Conferência de Mulheres Socialistas em 1910, realizada na Dinamarca. Aprovada pelas delegadas, a homenagem foi realizada em dias diferentes nos primeiros anos. No dia 8 de março de 1917, no auge de uma situação revolucionária, ocorreu uma passeata com dezenas de milhares de operárias contra a fome, a guerra e o czarismo, sob a direção dos bolcheviques em Petrogrado, então capital da Rússia, dando início a uma greve geral política contra o regime czarista.

Esses acontecimentos marcaram o período revolucionário mais importante da humanidade – a Grande Revolução Socialista de Outubro em 1917 – quando a classe operária russa e a classe camponesa aliada histórica, tomam o poder e iniciam a construção da primeira pátria socialista da história, a União das Repúblicas Socialistas O 8 de março está profundamente vinculado a Revolução Proletária Mundial Soviética – URSS. É em homenagem a esta rebelião das operárias russas que a celebração do Dia Internacional da Mulher Proletária passa a ser realizada no dia 8 de março, pelos movimentos revolucionários de mulheres em todo o mundo, com a marca do conteúdo de classe da data. Nos anos de 1950, as classes dominantes reacionárias tentaram suprimir essas referências históricas vinculadas ao Movimento Comunista Internacional, tentando transformar a data em dia internacional de todas as mulheres, exploradoras e



Clara Zetkin, dirigente comunista, discursa em manifestação em Berlim, agosto de 1921.

exploradas, opressoras e oprimidas. Apresentaram a versão mentirosa de que a greve das tecelãs em Nova Iorque, quando morreram 129 operárias e 17 operários, num grande incêndio trancadas pelos patrões dentro do prédio em chamas, havia ocorrido no dia 8 de março e daí essa data passou a ser comemorada internacionalmente. Como não podiam suprimir o caráter classista de uma data já consolidada em todo o mundo, buscaram então uma luta acontecida fora do território socialista. A defesa dos livros de história da burguesia, repetida em coro pelo oportunismo e o revisionismo, fazendo referência às operárias de Nova Iorque é, portanto, uma farsa. Não que o fato não tenha ocorrido, nem que a luta das operárias estadunidenses não tenha importância e não seja parte

do movimento operário internacional. Pelo contrário, elas são heroínas da luta do proletariado e pela emancipação da mulher. Mas seu heroísmo não se deu no dia 8 de março, e sim no dia 25 de março de 1911. O Dia Internacional da Mulher Proletária não foi instituído com referência nesse acontecimento e sim na Grande Revolução Socialista de Outubro em 1917. O que o imperialismo pretende na verdade é negar que o Dia 8 de Março está vinculado à Revolução Proletária Mundial e pertence, portanto, às massas exploradas e oprimidas de todo o mundo que combatem o imperialismo. E isso a reação não pode permitir em sua vã tentativa de negar a revolução e de apagar da história os feitos históricos da classe operária e do campesinato dirigidos pelo grande Partido Comunista da União Soviética, sob a grande liderança de Lenin e Stalin.

Desenvolve-se formidavelmente a situação revolucionária em todo o mundo!

O imperialismo é um tigre de papel!

Neste 8 de março, o Movimento Feminino Popular, junto às massas populares, progressistas, democráticas e revolucionárias, às trabalhadoras e trabalhadores de todos os países, expressa o seu mais ardente internacionalismo proletário para com todos os povos e nações que lutam por seus direitos e combatem de armas nas mãos os intentos de dominação e subjugação dos imperialistas e seus lacaios, em especial do imperialismo ianque (Estados Unidos), superpotência hegemônica única em declínio irreversível e principal inimigo dos povos e nações de todo o mundo.

Da Argentina à Groenlândia, de Taiwan aos Estados Unidos (EUA), em todos os continentes, as três contradições fundamentais da atualidade (nações e povos oprimidos-imperialismo, interimperialista e proletariado-burguesia, (sendo a primeira a principal) se agudizam, levantando as massas populares das colônias e semicolônias e o proletariado das potências imperialistas em grandes rebeliões, como vimos na Palestina, com o glorioso Dilúvio de Al-Aqsa; no Nepal, contra o governo de coalização reacionária de revisionistas e compradores; na Argentina, contra a política de austeridade de Milei; no EUA e na Europa, contra a política fascista de perseguição aos imigrantes e em solidariedade ao povo palestino, venezuelano e iraniano. Seja por reivindicações econômicas ou por bandeiras políticas, por solidariedade internacionalista, por soberania nacional ou nas revoluções de Nova Democracia em curso, todas essas revoltas convergem contra o inimigo: o sistema imperialista de opressão e exploração, que busca no saqueio e subjugação dos povos e nações a manutenção do seu odioso regime e o enriquecimento sem fim de seu punhado de bilionários.

Fora ianques da América Latina e da Venezuela!

Em crise profunda, as potências imperialistas – com o EUA à cabeça - promovem guerras e agressões ao redor de todo o globo, atacando covardemente povos e Nações e reprimindo as massas do seu próprio país, expressando a falência cabal do sistema imperialista e da democracia burguesa como forma de governo, se reacionarizando rumo ao presidencialismo absolutista e ao fascismo como forma de se debelar de sua crise geral de decomposição.

As mais recentes intervenções do imperialismo ianque na América Latina e no Irã, sob as ordens do canídeo Trump, são sintomáticas do grau que atingiu a crise do imperialismo.

O odioso crime de guerra perpetrado pelo imperialismo ianque contra o povo e a Nação venezuelana, que culminou no sequestro do presidente legítimo, Nicolás Maduro, no dia 03 de janeiro, num ataque que foi acompanhado do bombardeio de diferentes cidades na Venezuela e do assassinato de dezenas de militares cubanos que faziam a guarda do presidente, é demonstrativo disso. Este foi um crime de guerra sem precedentes na história contemporânea da América Latina, sendo parte da nova política da burguesia imperialista ianque para manter sua hegemonia global e, em particular, no continente americano, buscando conter sua profunda crise política e econômica, a qual se arrasta e aprofunda há décadas, e a crescente influência russa e chinesa nos países da região.

Como parte dessa nova política, o imperialismo ianque vem impondo de forma mais ofensiva aos governos da América Latina a política contrainsurgente de “combate ao narcotráfico”, buscando enquadrá-los política, econômica e militarmente e criar juris-

prudência para intervir cada vez mais nas suas questões nacionais, como tem sido no Paraguai, Equador, Colômbia, México e Brasil.

É neste contexto que ocorrem as mais recentes ameaças e agressões do imperialismo ianque contra Cuba, visando reduzi-la à condição de colônia, tal qual era a ilha sob o podre regime do capacho ianque Fulgêncio Batista no século passado. Tais ameaças e agressões devem inflamar ainda mais o espírito anti-imperialista incendiário reacendido em todo o mundo com o Dilúvio de Al-Aqsa e a heroica resistência palestina, e reavivar em todos os povos livres do mundo as históricas consignas de “Fora ianques da América Latina!” e “Cuba sim, ianques não!”, com todos os povos da América Latina, em especial, hoje, as nações venezuelana e cubana, encarnando seu histórico revolucionário e se preparando para levar adiante uma poderosa guerra de libertação nacional, fazendo do seu território mais um atoleiro para o imperialismo ianque e do nosso continente o seu cemitério caso esse ouse tentar subjugá-lo.

Morte ao invasor! Todo ódio ao imperialismo ianque e ao nazi-sionismo!

Como parte da contenda interimperialista e buscando assegurar seus interesses em todo o globo, o imperialismo ianque mantém a frente de guerra na Ucrânia como forma de desgastar o imperialismo russo enquanto busca as condições mais vantajosas para um acordo de cessar-fogo às custas da soberania ucraniana, com o canídeo Trump já dando declarações de que concordará em encerrar a guerra acordando a partilha imperialista do território e riquezas naturais ucranianas, numa subjugação nacional tão vil que o próprio vassalo Zelensky, para não ter sua vida político-eleitoreira destruída, se viu obrigado a adotar uma pretensa postura “nacionalista” após ter passado esses dois anos de guerra reprimindo e sujeitando a resistência nacional às regras do jogo impostas pela OTAN sob o tacão ianques.

Dando mais uma prova das grandes verdades marxistas-leninistas-maoistas de que **O imperialismo é um tigre de papel** e é tendência à guerra e à reação em todos os aspectos, em menos de um ano após as acachapantes derrotas do imperialismo ianque e da entidade nazi-sionista de ‘israel’ pelas mãos e armas da Heroica Resistência Nacional Palestina com a conquista do acordo de cessar-fogo e na guerra de 12 dias contra o Irã – quando Trump cacarejou ter “obliterado” o sistema nuclear e de mísseis da nação persa –, o Grande e o Pequeno Satãs – EUA e Israel – desencadearam nova agressão contra a Nação iraniana. Buscando aparentar força, já no primeiro dia de agressão assassinaram o Líder Supremo iraniano, o aiatolá Ali Khamenei, dirigentes políticos e militares, e bombardearam diversas regiões do país, incluindo uma escola feminina de ensino fundamental, assassinando 165

Mulheres palestinas protestam em Gaza

